

A educação em sexualidade na perspectiva de futuros pedagogos

Education in sexuality in the perspective of future educators

Amanda de Mattos Pereira Mano

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
amanda.mano@ufms.br

Resumo

A sexualidade ainda é um tabu, especialmente, em salas de aula da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Diante disso, o objetivo do presente trabalho foi o de investigar acadêmicos concluintes do curso de Pedagogia sobre suas concepções acerca do ensino de educação em sexualidade. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, por meio da aplicação de questionário, com questões abertas, que versou sobre a temática. Participaram do estudo 23 acadêmicos do 4º ano de Pedagogia, de uma universidade pública no interior do Paraná. Os dados obtidos foram analisados qualitativamente e discutidos de acordo com seu conteúdo. Em linhas gerais, foi possível perceber que os concluintes não se sentem preparados para discutir o tema em sala de aula ou, ainda, não consideram relevante tais temas às crianças. Diante dos resultados, problematiza-se acerca da formação inicial de professores, em específico de Pedagogos, que deve se mobilizar sistematicamente e intencionalmente para abranger a educação em sexualidade.

Palavras-chave: concepções, educação em sexualidade, formação inicial de professores.

Abstract

The sexuality still remains a taboo, especially, in children's and elementary classrooms. A face of that, the objective of this review was to investigate graduating students of the Pedagogy course on their conceptions about the teaching of sexuality education. A qualitative research was developed, through the application of a questionnaire, with open questions, which dealt with the theme. In this study, 23 academics of the Pedagogy 4th year of a public university in the interior of Paraná state were participated. The data obtained were qualitatively analyzed and discussed according to their content. In general, it was possible to perceive that the students do not feel prepared to discuss the theme in the classroom or, still, do not consider such subjects relevant to the children. In view of the results, it is problematic about the initial formation of teachers, in specific of educators, that must be mobilized systematically and intentionally to include education in sexuality.

Keywords: conceptions, education in sexuality, initial formation of teachers.

Introdução

Em pleno século XXI, abordar questões ligadas à educação em sexualidade ainda é considerado um tabu, seja pela falta de espaços em que essas questões sejam discutidas e naturalizadas, seja pela intolerância, marcante e presente em questões que perpassam a temática.

Pode-se compreender a sexualidade como uma construção histórica, social e cultural. Isso implica dizer que ela representa uma categoria que engloba relações de poder, de classe, de relações entre gêneros, de aspectos políticos, éticos, religiosos, dentre muitos outros. Dessa compreensão, resulta que a sexualidade não é inata ou natural, mas construída socialmente (SANTOS; ARAÚJO, 2009).

Observa-se que, por serem questões inerentes aos seres humanos muitas dúvidas surgem, por exemplo, sobre o corpo e sentimentos, assim como acerca de relacionamentos e da sexualidade propriamente dita. Nesse contexto, a educação em sexualidade acontece, muitas vezes, de forma aleatória, sem planejamento e de maneira informal.

Na educação escolar esse distanciamento quanto às informações e discussões também acontece. Empiricamente, nota-se que quando acontecem abordagens sobre o tema, concentram-se apenas na discussão da sexualidade do ponto de vista biológico, ignorando suas diversas ramificações.

Defende-se que esse é um aspecto importante da denominada educação sexual, a qual pode ser entendida como as distinções biológicas que marcam machos e fêmeas, enfocando, portanto, questões ligadas à Biologia. Entretanto, reitera-se que a sexualidade não pode ser entendida apenas biologicamente, isto é, há de se compreender que o ser humano é um ser social e, com isso, deve-se fazer presente as diversas situações decorrentes de tal socialização.

No presente texto utiliza-se o termo educação em sexualidade, como sinônimo de educação sexual, a partir do esclarecimento de Figueiró (2006, p. 17), no qual:

a finalidade maior da educação sexual é contribuir para que o educando possa viver bem a sua sexualidade, de forma saudável e feliz, e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele esteja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade.

Optou-se por utilizar o termo educação em sexualidade e não educação sexual, apenas no sentido de ampliar a discussão para além da esfera biológica e higienista. Espera-se com isso, compreender a educação em sexualidade abarcando os distintos contextos: o biológico e o histórico-social.

Dessa forma, falar sobre sexualidade desde a mais tenra idade pode contribuir a lidar de forma consciente e natural com questões que se apresentam ao longo de nossas vidas. Ademais, acrescenta-se que a educação em sexualidade se torna uma aliada em defesa de possíveis violências, por exemplo, sexuais e de gênero.

Acredita-se que o ambiente escolar deve ser um local para discussão dessas questões, tendo como base o respeito, sendo inclusiva, minimizando preconceitos e, essencialmente, tornando-se esclarecedora, por meio da propagação de informações verídicas e de um trabalho pedagógico específico e intencional.

Diante do exposto, o presente artigo busca apresentar e discutir os resultados de uma investigação realizada com acadêmicos do último ano do curso de licenciatura em Pedagogia,

sobre suas concepções acerca da educação em sexualidade, com vistas a problematizar como futuros professores veem as questões inerentes a temática.

Metodologia

Conforme anteriormente anunciado, o objetivo principal da presente pesquisa foi o de investigar as ideias de acadêmicos concluintes do curso de Pedagogia sobre a educação em sexualidade.

Dessa maneira, efetivou-se um estudo de natureza qualitativa, embasado pela pesquisa bibliográfica e de campo. Em específico, para a pesquisa de campo, elaborou-se um questionário com 6 questões abertas relacionadas à educação em sexualidade. O referido questionário foi aplicado a 23 graduandos do último ano do curso de Pedagogia de uma universidade pública do interior do Paraná. Buscou-se com isto, compreender as vivências de educação em sexualidade na formação inicial, bem como verificar a preparação desses futuros educadores para trabalhar a temática na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Todos os aspectos éticos foram respeitados, sendo os participantes convidados a participar voluntariamente da pesquisa e tendo como critério de inclusão na amostra a concordância com o estudo. A aplicação do questionário foi realizada pela pesquisadora, em horário de aula e teve duração média de 20 minutos.

Os dados coletados foram analisados de acordo com seu conteúdo e discutidos à luz da bibliografia especializada. Pelos limites desse artigo, serão apresentados os resultados de três questões, as quais investigaram a importância da educação em sexualidade na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e a percepção dos acadêmicos quanto à sua preparação para trabalhar esses assuntos na Educação Básica.

Resultados e discussões

Diante do questionamento: “Você acredita que sexualidade é um tema importante de ser abordado na Educação Infantil? Por quê? ”. Dos 23 participantes, 16 consideram ser importante:

Sim. Talvez, se trabalhados durante a primeira infância, não houvesse tantos empecilhos em falar sobre o assunto hoje em dia. (Acadêmico 23)

Sim, pois Freud já postulava a sexualidade das crianças desde o início de suas vidas. É importante o professor da Educação Infantil ter conhecimento sobre a sexualidade e saiba trabalhar com isso, na Educação em suas etapas, seja ela infantil, fundamental ou médio. (Acadêmico 13)

A maioria dos estudantes investigados apontam a necessidade da abordagem do tema já na Educação Infantil, para naturalizar o assunto futuramente. Ribeiro (2008) alerta que as crianças, desde muito cedo, têm informações veiculadas nas mais diversas mídias, acrescida da vivência de comportamentos sexuais, visíveis e imaginados dos adultos. Dessa maneira, a escola e os professores, estariam sistematizando a curiosidade natural dos pequenos em um trabalho pedagógico intencional.

Todavia, em alguns relatos, percebe-se certo receio no assunto, apresentando como justificativa, uma possível influência negativa sobre as crianças:

[...] na Educação Infantil deve-se ter muito cuidado e sensibilidade para tratar desse tema tão importante, de modo a não influenciar as crianças de maneira negativa. (Acadêmico 9)

Considero um assunto importante visto que os alunos nesta fase estão descobrindo as funções do corpo, contudo, essa abordagem deve ser feita com cautela para não constranger nenhuma criança. (Acadêmico 22)

Destaca-se que o ambiente escolar deve ser um local democrático, em consonância com a individualidade e levando sempre em conta a faixa etária dos alunos. Parte-se da ideia de que é possível falar tudo as crianças, desde que respeitada sua compreensão no momento e seus aspectos psicológicos que alicerçam seu entendimento de mundo.

Porém, 7 participantes apontaram que a sexualidade não é um tópico importante na Educação Infantil. Para isso, justificam a falta de maturidade da criança, bem como destacam o tema como complexo demais e, até mesmo, irrelevante.

Acho que na Educação infantil eles são muito pequenos, ainda não vão compreender por ser um tema mais complexo. (Acadêmico 17)

Acho um tema complexo demais, eu não me sentiria confortável em trabalhar com as crianças, nem consigo imaginar uma forma de introduzir o assunto. (Acadêmico 5)

Para Ribeiro (2008) a escola, muitas vezes fundada no discurso de inocência e pureza das crianças coloca que não existe a necessidade de falar sobre sexualidade na sala de aula. O principal argumento é a ideia da criança muito imatura e inocente para falar sobre sexualidade, fato que se confirmou no discurso de alguns participantes.

Em acréscimo, muitos professores e futuros docentes acreditam que ao falar sobre esta temática estariam despertando para o assunto, caminhando para uma prática precoce ou ainda, para questões ligadas à ideia de senso comum da ideologia de gênero. Acompanhemos o excerto de um participante:

[...] cada criança deve aprender a sua identidade, seja menino ou menina. Como nasceram, e não ser implantada um sexo oposto na criança, porque muito é discutido em todos os lugares. (Acadêmico 20)

Reis e Eggert (2017) esclarecem que a ampla disseminação do termo ideologia de gênero, trata-se de uma falácia divulgada por grupos com concepções extremadas. Todavia, esclarece-se que o temos em nosso país, são estudos de gênero, produto de pesquisas em consolidadas universidades.

Ao propagar a existência de uma ideologia de gênero, se distorce a ideia de gênero, compreendida como distinções e diferenciações entre masculino e feminino, avançando o critério apenas biológico e considerando o contexto das construções culturais e historicamente produzidas a partir das diferenciações biológicas (LOURO, 2000). Assim, erroneamente, acredita-se que falar sobre sexualidade estará ligada à imposição de ideais, ao contrário, defende-se uma educação em sexualidade voltada ao conhecimento do corpo, ao respeito mútuo e a empatia. Fato é que, perpetuar essas ideias, na contramão do que os estudos

propõem, pouco cooperam para a justiça entre os gêneros e para as relações de respeito e tolerância.

Quanto à indagação: “E nos anos iniciais do Ensino Fundamental, você acha importante? Por quê? ”, de forma distinta da questão anterior, encontrou-se que 22 graduandos, a grande maioria, relataram aprovar a abordagem dessas questões nesse momento da escolarização, com os seguintes argumentos:

Sim, no Ensino Fundamental que devem ser abordados temas relacionados à sexualidade, porque sanam a curiosidade em um aspecto, surgem novas dúvidas e estas devem ser sanadas corretamente. (Acadêmico 22)

Sim, é importante que eles tenham uma base, pois muitos deles a partir dos 7 ou 8 anos, já se deparam com assuntos voltados a sexualidade, seja em casa, escola, televisão, etc. (Acadêmico 3)

A maioria dos investigados considerou ser importante desenvolver temas sobre sexualidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental e muitos apontaram como necessário pelo fato de que, nessa fase, a criança começa a passar por modificações corporais, bem como tem maior contato com a temática.

Apenas um participante acredita não ser este o momento para trabalharem-se tais questões na escola:

Não! Cada fase é uma fase, e devemos respeitar isso, elas vão aprender sobre esse assunto, mas não acho correto aos 7/8 anos, quando ainda devem se preocupar com a infância. (Acadêmico 1)

Chama atenção o aspecto encontrado de que na Educação Infantil, para os participantes, a abordagem da sexualidade parecer não ter tanta importância, já no Ensino Fundamental sim. Acredita-se que um dos fatores seja a falta de clareza sobre a dimensão da sexualidade. Observa-se que, no dia a dia, comumente, perguntam-se às crianças sobre namorados, sem consciência de que com esse tipo de comentário já estão abrangendo a sexualidade, isto é, perpetua-se o discurso da família-reprodução (RIBEIRO, 2008), no qual a sexualidade está ligada à família e à copulação e a formação de procriação.

O acesso ao conhecimento é um direito da criança e torna-se essencial ao educador conhecer o desenvolvimento da criança para entender o que é típico de cada momento. Concorde-se com Louro (2000) que a sexualidade está na escola, pois faz parte dos sujeitos, não é algo que pode ser desligado. A sociedade está em constantes transformações, cada vez mais as crianças têm passado o dia longe da família em creches ou escolas, e é real a necessidade de instituições educacionais procurarem ajustar-se para auxiliar nas demandas provenientes dessas mudanças.

Por fim, questionou-se: “Imagine que na escola em que você atua ou irá atuar seja solicitado que você trabalhe a sexualidade junto às crianças. Você se sentiria preparado para realizar esse trabalho. Por quê? Dos 23 graduandos entrevistados, somente 6 revelaram que estariam preparados para aplicar temas relacionados à sexualidade:

Acredito que sim, abordaria que cada pessoa nasce única, já possuindo um sexo, levaria algum médico para palestras, vídeos, debates, assim as crianças entenderiam melhor o que eu estivesse passando a elas. (Acadêmico 20)

Depende da idade dos alunos, no fundamental series iniciais, não. Já no fundamental anos finais sim, inclusive apoio muito a ideia. (Acadêmico 5)

A esse respeito, distintos recursos como jogos, vídeos, filmes, dinâmicas, livros entre outros que possam ser levados até a escola, para proporcionar um estudo eficiente e proveitoso, são benéficos, porém, seria ideal que neste processo de ruptura dos tabus o professor seja o principal orientador, sem se eximir ou terceirizar este papel, por exemplo, deixando a cargo de profissionais da área da saúde.

Nesse resultado, embora anteriormente os graduandos tenham afirmado ser importante abordar essas questões na Educação Básica, nota-se que existe um despreparo. Diante disso, problematiza-se sobre a formação inicial de professores, ou melhor, questiona-se a existência de uma formação acadêmica sistematizada e contínua que proporcione embasamento para intervenções pedagógicas eficazes.

Quanto aos acadêmicos que declararam não estarem preparados para a abordagem do tema, tem-se:

No momento não, porque de um modo geral, na graduação não foi abordado o assunto com profundidade, portanto não há formação adequada. (Acadêmico 4)

Não, devido ao grande tabu presente na sociedade, ainda mais um professor trabalhar esse tema, embora seja algo que deveria ocorrer naturalmente. (Acadêmico 19)

Alguns acadêmicos apontaram como motivo a falta de um aprofundamento no assunto e, por isso, não estão preparados. Ressalta-se que a área da educação está em constantes modificações e o professor deve acompanhá-las buscando sempre estar em formação. Em acréscimo, para discutir sobre sexualidade faz-se necessário quebrar barreiras em diferentes âmbitos, sendo pessoal, cultural, educacional e político. Não são apenas os futuros professores se sentem ou se mostram despreparados, é a sociedade em geral, ainda resistente ao debate sobre a educação em sexualidade.

Os resultados do presente estudo, infelizmente, não destoam de demais pesquisas que se propuseram a investigar professores e futuros professores quanto ao preparo para o trabalho com questões da sexualidade. Assim, tem-se no estudo de Lopes e Oliveira (2014) realizado com pedagogos e licenciados que mais de 60% desses profissionais não se consideram preparados para abordar essa temática em sala de aula, também, na pesquisa de Leite, Oliveira e Paula (2015), na qual se encontrou resistência por parte de licenciandos em Pedagogia para falar sobre sexualidade.

Considerações finais

Na investigação realizada com os acadêmicos do último ano do curso de Pedagogia, encontrou-se que esses futuros educadores, em sua maioria, não se sentem preparados para abordar a temática da sexualidade no exercício da docência. Para isso, justificam que o tema ainda é de difícil abordagem às crianças e, além disso, reiteram que a formação inicial deixa lacunas no que tange a preparação profissional, em específico para esse tema.

Diante dos resultados, concluem-se algumas implicações diretas à formação inicial de professores. Uma delas dá-se em razão da necessidade desses cursos proporcionarem momentos intencionais, sistematizados e contínuos, nos quais se discuta sobre a educação em sexualidade e que esses sejam oportunidades nas quais os acadêmicos possam rever seus

preconceitos, estereótipos e ideias de senso comum. Ademais, abre-se para investigação a existência desses momentos, seja em uma disciplina específica ou como conteúdos de algumas ementas, nos cursos que formam professores.

A educação tem como utilidade a mudança positiva e a quebra de paradigmas, por meio do diálogo, de fundamentos e, com isso, de conscientização. Para que essa mudança ocorra é necessário que os educadores e futuros educadores saiam de sua zona de conforto, problematizando e refletindo suas próprias práticas.

Referências

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

LEITE, A. F. V. S.; OLIVEIRA, A. P. F. G.; PAULA, F. G. S. Visão dos bolsistas PIBID sobre orientação sexual: o que dizem os futuros pedagogos. In: Simpósio internacional de educação sexual: feminismos, identidades de gênero e políticas públicas, 6., 2015, Maringá. **Anais eletrônicos...** Maringá, UEM, 2015. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/652.pdf> . Acesso em: 10 out. 2018.

LOPES, M.; OLIVEIRA, J. M. F. S. A invisibilidade da temática da sexualidade na formação de pedagog@s e licenciad@s: algumas considerações. In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 3., 2014, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina, UEL, 2014. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT7_Mois%C3%A9s%20Lopes-%20Josiane.pdf . Acesso em: 10 out. 2018.

LOURO, G. C. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 200.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação brasileiros. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 138, p.9-26, 2017.

RIBEIRO, P. R. C. Sexualidade e escola. In: RIBEIRO, P. R. C (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidade** – questões possíveis para o currículo escolar. 2 ed. Rio Grande: Editora da Furg, 2008. p. 57-60.

SANTOS, D. B. C.; ARAÚJO, D. C. Sexualidade e gêneros: questões introdutórias. In: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009. p. 13-27.